- **MORFOLOGIA I**
  Dia 29 - Local: CL 23 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *Jurandir Soares Oliveira Filho*

AS FORMAÇÕES ANALÓGICAS E AS ALTERAÇÕES FONÉTICAS

Jurandir Soares Oliveira Filho (UNESP)

São fundamentais um modelo e a imitação quando se elucida um caso analógico. A alteração de uma palavra por influência de outra não é mudança fonética: é fenômeno analógico. É interferência de ordem morfológica por mudar-se a forma (mesmo pela mudança de um só fonema) e por ser o modelo unidade significativa, no mínimo semantema, prefixo, sufixo e não unidade distintiva. O francês "cheminée" formou chaminé, em português, porque houve imitação de chama. A analogia tem natureza gramatical, pois, pressupõe sempre uma relação. O sentido é importante, contrariamente à mudança fonética. Tem natureza psicológica, mas isto não a distingue do fenômeno fonético. A palavra latina "veruculu" daria, pelas regras fonéticas, "verolho", mas formou-se ferrolho por imitação do modelo ferro. Lembremo-nos de que existem "verocchio" e "verrou" respectivamente em ilaliano e francês. O l de floresta, constituindo uma epêntese, acréscimo, do francês antigo "forest", explica-se porque houve influência de flor. Também o hiperbibasmo, mudança da posição da sílaba tônica, pode ter como causa a analogia: o imperfeito "amabamus"(ba) mudou para amávamos (ma) para seguir o modelo de outras pessoas como "amabam"(ma), "amabas"(ma). Vejamos agora que na mudança fonética não há outra palavra como modelo, nem importa o sentido. Vale a imagem acústica. Há anulação da forma anterior. Por exemplo, "flamma" evoluiu para chama, mudança de ordem articulatória. O latim "credo" fez surgir creio em virtude de modificações que não dependeram de outra palavra. Não participaram, contrariamente à analogia, nem o sentido nem um modelo. Estas mudanças se referem às unidades de segunda articulação, isto é, distintivas (fonemas). São chamadas metaplasmos. Os casos analógicos se referem às unidades de primeira articulação, isto é, significativas (semantemas, afixos). Encontram-se na fala. São chamados paraplasmos.

FORMAS IMPERATIVAS EM TIRAS DE JORNAIS PAULISTAS

Poliana Rossi Borges (UNESP)

Este estudo surgiu da necessidade de entender o uso atual do imperativo no Português Brasileiro. Hoje, há duas formas usadas para expressar ordem no Português do Brasil, relativas à segunda pessoa do singular: uma, considerada padrão, por seguir as prescrições da Gramática Tradicional, oriunda do presente do subjuntivo (CANTE); outra que se confunde com a 2ª pessoa do singular (você) do presente do indicativo (CANTA).

Essa segunda forma é muito encontrada em textos dialogados. Por apresentarem esta característica, foram escolhidas como corpus para este trabalho as tiras publicadas no dois principais jornais do estado de São Paulo.

Em um primeiro momento de análise, averiguamos os contextos em que a forma variante estava sendo empregada; os fatores estudados foram: pessoa e número, negação na oração, presença e posição dos pronomes átonos me e se, "efeito gatilho', conjugação do verbo, idade das personagens, estilo individual do autor/tradutor.

Favorecem a ocorrência da forma subjuntiva a oração negativa, os verbos nas 1ª e 2ª pessoas do plural, o clítico posposto ao verbo, os verbos de 2ª conjugação. Favorecem a forma variante as orações afirmativas, o verbo na 2ª pessoa do singular, o clítico anteposto ao verbo, verbos de 1ª e 2ª conjugações. Em relação ao "efeito gatilho', é mais comum encontrarmos formas variante e padrão influenciando a escolha da forma imperativa seguinte nessa mesma conjugação. A análise desenvolvida por autor/tradutor foi bastante interessante, pois o aparecimento em maior ou menor número das formas variante e padrão é ligado ao estilo do autor/tradutor.

A partir da literatura sobre o assunto e da análise do corpus, verificou-se que a forma variante do imperativo é, na verdade, uma forma indicativa, relativa à segunda pessoa você. Desta maneira, podemos afirmar que o imperativo não existe mais na amostra de Português Brasileiro analisada enquanto modo independente.

GEOMETRIA DOS TRAÇOS DO COMPLEXO FLEXIONAL DO VERBO NO PORTUGUÊS

Raquel Meister Ko. Freitag (UFSC)

Apresento o trabalho de Cowper (2003), que propõe uma análise da geometria dos traços da flexão verbal. O pressuposto da análise de Cowper é que a sintaxe e a semântica de tempo, aspecto e modalidade estão baseadas em um conjunto de nove traços, que se combinam para manifestar superficialmente toda a complexidade de tempo verbal (tense) em uma língua. Cada traço é responsável pela expressão de um significado específico. Flexão é meramente um rótulo convencionado para o feixe de traços do complexo flexional do verbo. A hipótese de Cowper é que os traços do complexo flexional do verbo são componentes da GU (cf. Chomski, 2001): tome-se F (conjunto dos traços de Flexão): {[Proposição], [Finitude], [P-dêixis], [T-dêixis], [Precedência], [Inteireza], [Evento], [Intervalo], [Irrealis]}. Diferentes línguas podem fazer diferentes subconjuntos deste conjunto, desde que respeite as relações intrinsecamente estabelecidas. Os subconjuntos podem reunir diferentes combinações de itens lexicais, para serem inseridos no início da

derivação, que resultam, por hipótese, em diferentes conjuntos de itens verbais que realizam diferentes combinações de traços ao final da derivação. Cowper (2003) aplica sua proposta no inglês e no espanhol. Pretendo verificar a aplicabilidade desta proposta no português.

O ESTATUTO DO PREFIXO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A INTERFACE MORFOLOGIA-FONOLOGIA

Sofia Martins Moreira (UFMG)

Este trabalho trata do prefixo no português brasileiro, tópico da gramática pouco discutido ao longo dos estudos lingüísticos. Tal análise questiona o tratamento dado ao referido assunto pelos trabalhos anteriores e propõe definir o estatuto do prefixo no PB, através da interação entre os constituintes morfológicos e os constituintes prosódicos.

Para fundamentar a nossa proposta, valemo-nos principalmente dos modelos da Fonologia Prosódica (FP) , Fonologia Lexical (FL) e Fonologia Lexical Prosódica (FLP), baseados nas descrições de NESPOR & VOGEL (1986), KIPARSKY (1985) e LEE (1995), respectivamente.

Através dos fundamentos da teoria da Fonologia Prosódica Lexical (op. cit.), afirmamos que é possível definir o estatuto dos prefixos do PB através da subcategorização dos domínios morfológicos e prosódicos e aceitando a hipótese de que há falta de isomorfia entre os constituintes morfológicos e prosódicos.

Estabelecemos, portanto, que há três situações diferentes para os prefixos no PB:

1a) existem prefixos que deixaram de existir, devido à perda da consciência da prefixação pelo falante. Sendo assim, devem ser descritos como uma palavra fonológica e uma palavra morfológica.

2a) existem prefixos que são realmente afixos e não podem ser estabelecer como vocábulos fonológicos autônomos.

3a) existem morfemas que não são afixos, são vocábulos fonológicos independentes, formas livres. Isto porque se trata de uma palavra morfológica e duas palavras fonológicas.

Baseando-nos nas definições acima, propusemos uma nova organização para o léxico do português brasileiro, situando o prefixo em uma proposta de léxico segmentado em níveis, fundamentada na subcategorização dos domínios prosódicos e morfológicos de seus componentes.

O USO DO MORFEMA ZERO NAS DESINÊNCIAS NÚMERO-PESSOAIS NA FALA DE ADULTOS NÃO ESCOLARIZADOS

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNESP/Unigran)

O presente estudo toma a Morfologia para investigar a fala de pessoas não-escolarizadas no que se refere ao uso do fenômeno lingüístico morfema-zero. Para desenvolver o estudo utilizamos como apoio teórico alguns capítulos do texto de Bybee(1985) Morphology of the relation between meaning and form, assim como alguns capítulos do texto de Câmara(1972) Estrutura da Língua Portuguesa, além de outros textos que faziam alusão ao tema.Assim , nosso objetivo foi o de analisar o uso do morfema zero (Æ) nas desinências número-pessoais presentes nas falas de pessoas não escolarizadas. Observamos também se havia uma tendência em substituir a falta

da marca NP (número-pessoal) pela presença do pronome. Verificamos se, tal como estudamos na teoria de Bybee- originária de um estudo feito pela lingüista em cinqüenta línguas diferenciadas - o princípio da relevância também possibilitava esclarecer o aparecimento do morfema zero.Para realizarmos este trabalho, fizemos uso de parte de um corpus gravado no município de Araraquara-SP , no ano de 2002, o qual apresentava a fala de duas informantes não escolarizadas, em idades de 47 e 40 anos. Neste inquérito elas fizeram relatos de suas vidas, totalizando trinta minutos de gravação.O corpus nos autorizou as efetivas afirmações de que a variação no uso da concordância verbal é um fato que está posto na realidade da língua em uso, que tem fatores que favorecem-na e que o princípio da relevância, para a língua portuguesa, é um desses fatores que corroboram no processo de variação lingüística.

TRAÇOS FORMAIS E SEMÂNTICO-DISCURSIVOS NO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE "VOSSA MERCÊ" "VOCÊ"

Márcia Cristina de Brito Rumeu (UFRJ)

O objetivo deste trabalho é discutir os traços formais e semântico-discursivos resguardados e perdidos no processo de gramaticalização de "Vossa Mercê" "Você" no português. Parte-se da análise de Lopes (1999, 2003) que elabora, com base em Rooryck (1994), um sistema de traços para a identificação das propriedades formais e semânticas perdidas e adquiridas pelo substantivo "gente" até originar a forma pronominal "a gente" na língua portuguesa. A autora considera os traços primitivos de gênero, de número e de pessoa, discutindo a aparente incompatibilidade entre as propriedades formais e semânticas. Considerando tal proposta, pretende-se detectar os traços morfo-semânticos e discursivos no processo de gramaticalização de "Vossa Mercê" "Você" na língua portuguesa. Os corpora utilizados nesta análise são compostos, em princípio, por cartas produzidas no Rio de Janeiro durante a 2a metade do século XVIII e ao longo do século XIX, editadas de forma fac-similar diplomático interpretativa por Rumeu (2004).